

A IMENSIDÃO DA LITERATURA

Pedro Palhares

- ▶ **Revista Mundo de Aventuras**
- ▶ **Revista Tintin**
- ▶ **Revistas Disney**
- ▶ **A Família Cherry, Will Scott (vários livros)**
- ▶ **Kit Carson, Edmund Collier**
- ▶ **Aconteceu na Gorongosa, Margarida Castel-Branco**
- ▶ **Júlio Verne (vários livros)**
- ▶ **A Minha Primeira Enciclopédia**
- ▶ **Os Lusíadas, Luís Vaz de Camões**
- ▶ **Alice no País das Maravilhas, Lewis Carroll**

A minha iniciação à leitura fez-se pela via da banda desenhada. Em minha casa comprava-se todas as semanas o *Mundo de Aventuras*, bem como algumas das revistas da Disney. E foi com estas revistas que comecei a desenvolver o meu prazer pela leitura. Mais tarde ofereceram-me uma assinatura da revista *Tintin* quando esta se iniciou em Portugal. Quando a assinatura terminou acabei por ir comprando todas as semanas a revista até esta se ter finado de vez. Ainda assim, chegou ao 18.º ano de publicação. Ainda possuo todos os *Mundos de Aventuras* e *Tintin* e tenho um carinho especial por todas essas revistas, embora já não as releia. Já as revistas Disney acabei por me ver livre delas todas. Em grande medida desiludiram-me quando fui crescendo; não consigo hoje, com uma excepção, voltar a elas. A excepção é o desenhador/argumentista Carl Barks, foi somente há pouco tempo que percebi que havia naquele universo alguém com uma imaginação delirante e uma capacidade notável de contar histórias. Percebi então que as histórias que me tinham verdadeiramente ficado na memória e das quais tinha saudades eram todas desse genial autor. Quando a Disney começou a colocar autores e a fazer colectâneas assim agrupadas, consegui adquirir toda a colecção de Carl Barks.

Com a vinda da biblioteca Gulbenkian para Vila Nova de Famalicão, terra onde vivia, primeiro móvel, depois fixa, acabei por descobrir outro filão, o dos livros com aventuras. Comecei pela *Família Cherry*, uma colecção de livros escritos nos anos cinquenta, mas que continham sempre cativantes mapas dos locais em que se passava a história e ajudavam à expansão da imaginação porque não eram estereotipados. Num dos livros, está a chover, às crianças apetece uma aventura e ela surge dentro de casa pela sua transformação numa ilha deserta, num delirante faz-de-conta. Mas nesta fase li muito, desde os semi-biográficos (por exemplo, *Kit Carson*, de Edmund Collier), à literatura nacional (por exemplo, *Aconteceu na Gorongosa*, de Margarida Castel-Branco) ou aos clássicos da

literatura juvenil (por exemplo os livros de Júlio Verne). Quando a biblioteca passou de móvel a fixa, era sabido onde passava os meus tempos livres. Esta foi para mim uma fase de descoberta, de realização da imensidão da literatura, e tal só foi de facto possível pela existência do plano de promoção da leitura através de bibliotecas móveis da Fundação Calouste Gulbenkian.

Por volta dos 12/13 anos tive uma crise de leitura que teve a ver com o crescimento pessoal. À distância de várias décadas, já sou capaz de olhar para essa fase desapassionadamente. Mas por volta desta altura o prazer da leitura foi substituído pela necessidade de ter uma razão para ler. Mais, que o que lesse fosse útil ou fosse portador de conhecimentos do mundo real. A minha única fraqueza continuaria a ser a banda desenhada, que não me ocupava muito tempo. Imaginava-me vir a ser cientista e tinha uma visão dos cientistas como seres imensamente racionais e pouco dados a fantasias. O meu grande companheiro nessa altura era *A Minha Primeira Enciclopédia*, que continha um monte de factos que eu reputava na altura de essenciais e que ia debitando sempre que encontrava uma ocasião. Também por volta desta altura foi organizada uma espécie de competição de leitura e fui indicado pela minha escola para lá ir. Não me lembro muito bem dos detalhes mas acabei por ficar em segundo lugar e foi-me oferecido um exemplar d'*Os Lusíadas*. Neste caso senti-me na obrigação de o ler, uma vez que me tinha sido atribuído como prémio e, além disso, era considerada a obra principal da literatura portuguesa. Mas nem me deu prazer nem me pareceu especialmente elucidativo do ponto de vista factual. Do pouco que nesta altura li com prazer registo o livro *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. Estava no meu plano de leituras porque sabia que o autor era um matemático, logo devia conter algo interessante do ponto de vista matemático. Mas tive uma surpresa, dado que a matemática que lá estava era estranha ou até contraditória, pensava eu na altura. Mas deu-me prazer ler como já não sentia há algum tempo. E pode ser que tenha sido isso que me fez ultrapassar essa fase de pessoa que quer ser muito séria, um cientista em todas as facetas da sua vida. Aos poucos fui aprendendo a separar, a não subordinar a vida a uma das suas facetas. E uma das facetas da minha vida, ainda que ocupando pouco tempo diário, é a leitura apenas por prazer, sem obrigação de qualquer tipo. ■



Pedro Palhares nasceu no Porto em 1959, licenciou-se em Matemática (ensino), com mestrado em Educação Matemática e doutoramento em Estudos da Criança (matemática elementar). É actualmente professor associado no Instituto de Educação da Universidade do Minho. Tem publicado livros e artigos relacionados com a investigação em educação matemática elementar e para o apoio ao ensino da matemática nos vários níveis da educação básica. Nos

campos de interesse profissional destacam-se a etnomatemática, os jogos matemáticos e as conexões entre a matemática elementar e a literatura infantil.